

Pensamento, Informação e Comunicação na Linguagem Oral e nas HQs

Luiz Carlos Cagliari
UNESP – FCLAr - DLL
lccagliari@gmail.com

1. Quem fui? Quem sou?

Na minha carreira acadêmica, sempre me interessei pela Fonética e pela Semântica. A dedicação à Fonética ficou mais em evidência. É fruto de um interesse que sempre tive, desde a infância, a respeito de ciência e tecnologia. Adorava ler e colecionar revistas infantis em quadrinhos, a respeito das ciências. Também gostava de ler o Tesouro da Juventude, depois, a coleção Conhecer, continuando meus interesses pelas ciências exatas. Porém, eu fui ser salesiano e, sendo frade, fiz curso de filosofia. Meu trabalho de conclusão de curso foi sobre a mentira. Naquela época, a linguística moderna era ensinada na minha faculdade e a fonética sempre chamou a minha atenção por ser ciência humana feita com ciência exata. A fonética me tomou muito tempo e dedicação. Somente mais tarde pude me envolver com a Semântica Cognitiva. Porém o lado filosófico ficou sempre no submundo da minha mente, aparecendo na consciência de vez em quando. Uma semântica de base filosófica e neurológica, algo que podia ser atraente aos meus interesses intelectuais e até acadêmicos.

Na década de 80 do século passado, escrevi e publiquei alguns trabalhos falando dos *marcadores prosódicos da escrita literária* (CAGLIARI, 1989). Em seguida, apareceram trabalhos sobre a *escrita do barulho* (CAGLIARI, 1993) e outros temas sobre a escrita na alfabetização (MASSINI-CAGLIARI, CAGLIARI, 1999). Aos poucos, fui introduzindo questões semânticas cognitivas em meus trabalhos. Depois de décadas, a Semântica Cognitiva conta, hoje, com muitos trabalhos importantes e tem presença garantida em congressos de estudos da linguagem. Apesar disso, a minha abordagem semântica cognitiva não tem se envolvido muito com as teorias modernas, embora elas sejam sempre uma referência obrigatória e fonte de pesquisas. Ao contrário, tenho procurado pensar o meu pensamento. Estudar como eu próprio penso. Para isso, a linguística tem um papel muito importante e tem, ainda, muito que contribuir para áreas como Inteligência Artificial e Neurolinguística, dominadas quase exclusivamente por engenheiros e médicos. Não se pode falar em semântica cognitiva sem falar em comunicação. A própria Linguística Moderna tem se dedicado a isso, desde o começo. Quando se põe a comunicação dentro da questão cognitiva, algumas questões novas surgem, como mostro nos meus trabalhos *“uma teoria da expectativa”* (CAGLIARI, 2016) e *“revisitando a ambiguidade”* (CAGLIARI, 2018).

2. Voltando à alfabetização

Com a aposentadoria compulsória (70 anos), achei que devia deixar a fonética de lado, até porque já não vinha me atualizando como devia. Voltei à questão da alfabetização, pensando em um grande e abrangente projeto, intitulado “O Pulo do Sapo”, ainda em desenvolvimento (veja meu site: “[www.alfabetizandoonline](http://www.alfabetizandoonline.com)” - ainda em desenvolvimento, mas já com algum material disponível).

Apesar de o lado foneticista ser mais evidente, me envolvi com muitas outras coisas. A principal foi a questão da alfabetização. E, dentro desse interesse, estudei de modo especial os sistemas de escrita. Fiquei um ano junto ao SOAS (*School of Oriental and African Studies*), que fica a uma quadra do Museu Britânico, estudando os sistemas de escrita, tendo muitos originais historicamente importantes diante dos meus olhos. Do grande relatório dessa pesquisa, surgiram muitos trabalhos sobre a escrita (CAGLIARI, 2009). Juntando linguística, fonética, sistemas de escrita e alfabetização, publiquei dois livros voltados para o processo de

alfabetização: “Alfabetização e Linguística” (CAGLIARI, 1989) e “Alfabetizando sem o Ba Be Bi Bo Bu” (CAGLIARI, 1998). Meu envolvimento com a questão da alfabetização me fez ver como a alfabetização se desenvolveu historicamente e, através dos professores, como se realizava e se realiza atualmente no Brasil. O processo escolar de alfabetização é muito cheio de figuras e de escritas, de acertos e de erros. Estudando os erros, pude entender alguns aspectos da escrita que somente são encontrados nos trabalhos dos alunos de alfabetização. A relação entre figura e escrita também se revela de modo peculiar no processo de alfabetização. As figuras tomaram conta das metodologias. Revistas em quadrinhos (HQs) e tirinhas humorísticas de jornais começaram a ter um lugar nas salas de aula. Essa questão levantava problemas teóricos e metodológicos específicos.

3. Pensamento, informação e comunicação na linguagem oral e nas HQs.

O convite da Natália e da Kelly para esta conferência (*talk*), no lançamento do Dossiê Histórias em Quadrinhos: pesquisa e ensino (Revista X) levou-se a acrescentar algumas ideias básicas de cognição como o mecanismo de ouvir, ler e entender, para esclarecer alguns aspectos da natureza e função das HQs.

Nem tudo o que ouvimos, nós identificamos como sendo uma expressão linguística da gramática da língua que falamos. Mas, apesar disso, nós conseguimos entender corretamente. Isso acontece porque temos um sistema linguístico interiorizado e operante que serve como referência mental a todos os fatos linguísticos da língua em que ocorrem. Ou seja, a mente não é apenas interpretativa, mas é reinterpretação. Num primeiro momento, a mente checa o fato linguístico ouvido, lido ou visto com o sistema. Numa segunda interpretação, a mente ajusta o que foi captado oralmente ou através dos olhos com o que a mente acha que seria o mais correto de ser interpretado. Então, a mente refaz a interpretação e a pessoa que ouve, lê ou vê uma HQ ou charge acha que o que ela entendeu corresponde às expectativas de quem falou, escreveu ou fez a HQ ou charge.

Essa situação linguística de reinterpretação ocorre de modo bem típico quando uma pessoa se encontra diante de um falante estrangeiro, cujas palavras ela não consegue discriminar direito ou que ela não conhece ou não reconhece à primeira vista. Na vida real, essa função reinterpretação da mente está ativa em muitas circunstâncias como, por exemplo, em casos de variação linguística pouco conhecida do ouvinte (um inglês ouvindo um americano ou vice-versa), diante de fala “mascarada” por ruídos, como acontece atualmente usando uma máscara ou apenas quando o ouvinte se encontra em meio a muito barulho, etc.

Essas considerações nos levam a concluir que não se pode entender o sistema linguístico como uma gramática pronta e fechada, um simples manual de uso. Sem dúvida, o sistema linguístico subjacente na mente do falante é também um sistema interpretativo de acordo com as regras da gramática interiorizada da língua, mas é também um sistema de interpretação que faz a ligação entre o sistema da língua interiorizado e a memória estocada na mente que interpreta tudo o que é pensado, reinterpretando de acordo com as expectativas mais razoáveis da compreensão comunicativa.

Qualquer falante se sente parte de uma comunidade histórica e socialmente estabelecida. Ou seja, todo falante tem o sentimento de estar vivo em determinado mundo. Como indivíduo, tem os sentimentos do caminho que percorre ao longo da vida, da sua autodeterminação, de seus desejos, de suas dúvidas, de seus medos, como também de suas verdades, certezas e realizações conquistadas. Como a vida é um caminho em direção ao futuro, sempre fica diante do indivíduo e da sociedade a questão de como será o futuro? O que nos espera adiante? Uma pergunta gera medo, assim como todo medo é um pergunta sem resposta ou com uma resposta não desejada. As dúvidas e os medos nunca são apenas questões idiossincráticas de uma mente hipocondríaca. Elas são partes integrantes do fato de os seres vivos viverem em comunidades. A comunidade humana tem uma história passada,

presente e expectativas de uma história futura. E os sonhos são medos de perguntas mal respondidas.

Por essas razões, a comunidade tem uma grande mente que age semelhantemente à mente dos indivíduos. Por outro lado, as mentes dos indivíduos agem guiadas pela grande mente. Ninguém pode ser tão original que seja o único de sua espécie. Na realidade, somos todos muito mais iguais do que aparentamos ser. A comunidade da grande mente absorve todas as contribuições individuais e as repassa para a coletividade. Isso faz com que aconteça o que chamamos de progresso da civilização. Alguns indivíduos ficarão com destaques históricos, mas suas contribuições serão assimiladas com todas as outras conquistas históricas da coletividade. O tempo tende a desassociar indivíduos de suas realizações. Eles tornam-se lendas. Mas, o tempo diminui progressivamente a fama das lendas, restando apenas um nome, um rótulo, cujo significado é tão vago quanto qualquer lenda (quem se lembra quem foi Gengis-Kan?)

4. O mundo das HQs

Existe um mundo criado pela mente individual que ficou num galáxia da grande mente e que é frequentado quanticamente a todo instante. É um mundo da imaginação criativa, pensado pelo sistema linguístico dos indivíduos, mas expresso através de uma tradução de palavras em imagens. É o mundo das HQs, das charges, das tirinhas de jornal e de outros tipos de expressão dessa natureza e função. Esse mundo é minimalista. Em vez de predominar a redundância, como acontece com a linguagem oral, nas HQs predomina a adivinhação. A mensagem vem apenas sugerida. O leitor desse tipo de mensagem precisa recompor a informação de modo que a mensagem faça algum tipo de sentido ou de vários sentidos ambíguos, que são típicos desse tipo de comunicação. Não basta ver e interpretar materialmente os elementos que aparecem nas HQs. É preciso construir um texto na mente, formalizar linguisticamente um pensamento. As HQs enquanto figuras são apenas objetos do mundo. Para que uma mensagem seja transmitida, essas figuras precisam ser traduzidas em linguagem, que é o que as pessoas fazem quando leem. Somente nessa etapa, a pessoa pode interpretar e reinterpretar, achando que está de acordo com o que foi pensado e expresso pelo autor da HQ. Entende-se, portanto, que a linguagem oral e as HQs são, no fundo, nada mais do que sistemas de informação e de comunicação semelhantes entre si, que operam com os mesmos mecanismos mentais, diferindo-se apenas no modo como a informação acaba materializada externamente.

Na grande mente e na mente individual, as coisas acontecem do mesmo modo. Não existe pensamento sem linguagem, assim como não existe linguagem sem pensamento. O pensamento é sempre fruto da mente coletiva, a grande mente. A linguagem, porém, é individual ou social. Não existe pensamento que se autocria a partir do nada. Todo pensamento só pode ser criado a partir de uma compreensão do mundo social, de uma coletividade. Todo pensamento só existe, de fato, quando é comunicado. Por outro lado, toda comunicação traz informações de pensamento que serão interpretadas e reinterpretadas pela mente.

Assim como acontece com a linguagem oral, as HQs apresentam variações semelhantes às variações dialetais, de tal modo que nem toda HQ é necessariamente transparente a toda e qualquer pessoa. Existe uma “língua” atrás das HQs e isso não se refere apenas aos elementos linguísticos escritos nas HQs. A opacidade de uma mensagem pode estar tão somente nas figuras e em formas gráficas não propriamente escritas. Finalmente, todo pensamento, seja ele de que natureza for, científica, tecnológica, religiosa, emocional, agressiva e ofensiva, etc. pode ser informado e comunicado através da linguagem oral ou através dos “substitutos” da linguagem oral, como as HQs.

5. Categorizando de algum modo

Vendo como a informação é construída, encontramos vários tipos. 1). A comunicação visual não escrita, apresentada apenas com figuras sem texto escrito. Algumas charges só trazem o desenho. Esse tipo de informação não tem uma linearidade de leitura. São como mapas ou tabelas que permitem muitos caminhos de leitura. 2). A comunicação visual mista, apresentada com figuras e escritas. As tirinhas humorísticas são desse tipo (mais raramente, há apenas desenhos). A ordem dos quadrinhos e o material escrito exigem leituras lineares: há um caminho definido pelas informações apresentadas. As escritas podem vir soltas (em geral, ruídos) ou em balões indicando o que determinado personagem disse. 3). Há um modo específico de juntar figura com escrita com a finalidade facilitar a leitura. Nós leitores achamos mais natural e agradável ver figuras enquanto lermos um texto. 4). A comunicação via Internet, sobretudo através do *WhatsApp*, mostra o gosto das pessoas de escrever juntando ilustrações como os *emoticons*, *emojis*, *minions*, etc. É possível mandar um texto só com figuras, num típico uso ideográfico da escrita com caracteres figurativos.

Analisando as HQs, há um jogo dicotômico entre vários parâmetros subjacentes que orientam e definem uma metodologia de construção e de interpretação, como apresentado a seguir:

1. Oral vs. escrito: com relação ao material usado.
2. Linearidade de leitura vs. leitura cartográfica: referindo-se aos caminhos de leitura.
3. Tempo vs. espaço: o tempo é linear e o espaço é cartográfico.
4. Iteratividade vs. unicidade (eco) de ação ou de fala. (Hã? Hã?; trim; trimmmm).
5. Simples vs. composto: BUM! (Humberto Eco (1995) representa tiros de arcabuz escrevendo: *cloc, pof, taa-pum*).

Também podemos subcategorizar os usos da escrita dos ruídos e dos sons de acordo com os problemas da escrita do barulho:

1. Interjeição e onomatopeia (Ah!, Uih! Bum!)
2. Novos padrões de escrita (*slap, poing, trimmmmm*)
3. Empréstimos lexicais (*gulp, click*)
4. Palavra velha e palavra nova (*kick, burp* = arrotar)
5. Palavra inventada (*sputo* = cuspir)
6. Escrita figurativa (I ♥ NY)
7. Variação dialetal (*tigum, tchigum*)
8. Preconceito na comunicação (a questão do certo /errado /diferente)
9. Recursos materiais usados: pincel, caneta, lápis, computador, celular.
10. Uso de programas de computador para escrever e ler textos.

6. Como tudo começou

Feita a apresentação acima, passo a falar sobre meu texto “A representação escrita de ruídos e de ações em charges e em histórias em quadrinhos”, que consta do Dossiê. O trabalho tem como tema principal a relação entre linguagem oral e a linguagem das revistas em quadrinhos (HQs) e semelhantes. Um bom começo é falar de interjeição.

Nuht! Nuht!, Ah?!, Hã-hã! Huh?

O problema das interjeições tem a ver com duas coisas:

1. Existe uma forma ortográfica para representá-las?
2. Se não, como escrevê-las?

O primeiro caso se resolve quando as interjeições aparecem em dicionários. O segundo caso vai depender de quem escreve, da língua e do destino da interjeição. Línguas diferentes usam sons diferentes para se referir a ruídos e barulhos, sons que não fazem parte do sistema fonológico da língua. Nem todo som que ouvimos aceitamos como sons linguísticos. O IPA (*International Phonetic Alphabet*) traz todas as possibilidades de sons que podem ser fonemas (CATFORD 1968). Ruídos estão de fora do sistema fonológico, mas sons produzidos pela boca poderiam ser usados. O problema, então, é como integrar tais sons no sistema fonológico da língua? Eles não entram para o sistema. Porém, alguém pode querer representá-lo na escrita. Então, como fazer isso?

Como os sistemas de escrita permitem sempre uma associação entre sons e caracteres da escrita, uma simples busca pode achar algum modo de representação que um leitor irá descobrir o que a escrita representa. Por exemplo, um mergulho pode ser representado pelas escritas *tigum* ou *tchigum*. São escritas transparentes a um leitor de português. Isso é possível porque na nossa cultura, dizemos um som desse tipo nos referindo a uma queda na água. Se nos referíssemos a esse tipo de fato dizendo *mixup*, ninguém iria usar *tchigum*.

O passeio pelo jardim das interjeições nos permite uma singularidade linguística que nos leva a um mundo de conflitos entre linguagem oral e linguagem escrita. Vou, então, organizar esse aparente caos, colocando os problemas numa certa ordem tipológica.

Podemos separar o material nas seguintes modalidades:

Com relação à escrita: 1). Escrita Formal; 2). Marcadores Prosódicos em textos literários; 3). Escrita do Barulho. Com relação à fala: 4). Fala normal; 5). Diálogo; 6). Conversa. A escrita formal é aquela praticada por pessoas cultas, seguindo padrões tradicionalmente ensinados nas escolas e nos livros escolares. Esse tipo de escrita usa apenas palavras dicionarizadas. Ruídos e barulhos são descritos e não representados lexicalmente. Em obras literárias do tipo romance e semelhantes, encontra-se frequentemente o uso de verbos *dicendi* com adjetivos e expressões que especificam o estado emocional do falante ou do ouvinte, como nos exemplos abaixo:

1. O velho ouviu *chorando* as palavras *alegres* dos familiares.
2. O marinheiro disse *com raiva* que o 'mar não estava para peixe'

Alguém poderia pensar em escrever usando interjeições em lugar dos marcadores prosódicos da escrita, o que resultaria nos exemplos a seguir:

3. O velho ouviu, CHUÁ-CHUÁ! as palavras EBA! dos familiares.
4. O marinheiro disse IRRRA! que o mar não estava para peixe.

Os exemplos 3 e 4 não são aceitáveis em nenhum contexto de escrita comum. Exigem um contexto específico para suas ocorrências, por exemplo, na fala de um personagem ou dentro de uma charge, etc. O que se pode e o que não se pode escrever? As interjeições são marcadores prosódicos com lugares próprios numa frase.

As escritas do barulho são interjeições ou onomatopeias com um uso próprio e um modo próprio de serem transcritas. Enquanto as interjeições são mais próprias da representação de emoções e de atitudes do falante, as escritas do barulho representam sons e ruídos que não costumam ser dicionarizados. Porém, com o tempo, algumas formas lexicais que representam ruído ou barulho podem acabar dicionarizadas por causa do uso popular generalizado. É o caso, por exemplo, de representações que se referem a barulhos dos animais, como: *au-au* (cachorro), *miau-miau* (gato), *glu-glu* (peru) etc. Comparando uma

língua com outra, notam-se diferentes modos de interpretar esses barulhos. Por exemplo, a língua inglesa costuma usar *gnaf-gnaf* para cachorro; o francês usa *wou, ouuuu*; o russo usa *vau, ouuu* (latido de cachorro). Essas formas lexicais são conhecidas típicas onomatopeias. São essas formas que imitam animais ou fatos que são as preferidas nas HQs e nas tirinhas humorísticas dos jornais e revistas.

É comum um tipo de HQ ou de tirinha ter preferências por determinados modos de escrever ruídos. Alguns autores também têm suas idiossincrasias. Por exemplo, as histórias em quadrinho do Batman são facilmente identificadas pelo uso tradicional de escritas dos barulhos, sobretudo, nos momentos de luta:

POW!, SOCK! BOOM! KRAK!, KA-BOOM! SPLAAASH!

O uso do sinal de exclamação dá à representação do som um *status* de palavra, além de sua função de indicar uma fala enfaticamente emocional.



7. Paralelo entre escrita e fala

Podemos fazer um paralelo entre as formas de escrita e as formas de fala. Assim, numa fala formal, por exemplo, em um discurso ou na transmissão de uma notícia, não encontramos interjeições. Numa peça de teatro, um ator pode usar interjeições. Em geral, são interjeições eruditas ou populares, porém dicionarizadas. Acompanhando gestos em ações, podem aparecer sons peculiares que o ator resolveu introduzir para tornar sua apresentação mais convincente. Por exemplo, ele pode, de fato, chorar e falar chorando. Nas conversas informais, as pessoas costumam teatralizar um pouco. Também é comum o uso de interjeições quando a conversa vai para o lado emocional. As crianças costumam exagerar na prosódia quando falam, gostam de teatralizar o que dizem e os adultos acham isso lindo. Com o tempo, esses enfeites prosódicos e gestuais acabam ficando para trás e as conversas ficam com outros esquemas comunicativos.

Podemos dizer que a representação escrita de ruídos e de barulhos nas HQs, tirinhas e charges reflete, de certo modo, os enfeites sonoros do teatro e as expressões sonoras emocionais das conversas informais. Curiosamente, quando a televisão fez um seriado das histórias do Batman, juntamente com os personagens e os cenários, apareciam também as escritas dos ruídos que eram típicas das HQs.

8. HQ e educação

Vou concluir a minha fala trazendo para este texto o final do meu artigo publicado no Dossiê.

“Os estudantes de hoje já não acham que o exposto acima seja novidade. Algumas coisas estão virando coisas de um passado remoto, do tempo dos pais ou dos avós. Hoje, há os computadores que, de enormes, tornaram-se tão pequenos que cabem nas mãos das crianças. Através dos celulares (*smartphones*), podem-se fazer coisas inimagináveis, há dez anos. Com os recursos de comunicação que esses aparelhos têm, as crianças têm muito mais informações em casa do que qualquer aluno teria dez anos atrás nas melhores escolas. Aos poucos vira moda a inovação e todas as escolas passam a ter um certo nível de igualdade pedagógica, até que surjam inovações revolucionárias. Hoje, estamos em tempos de ajustes. São tempos de pesquisa pedagógica e de uma nova filosofia da educação.

Vendo o desenvolvimento da comunicação escrita apresentado anteriormente, a escola de hoje, desde o processo de alfabetização até a formação científica universitária, não pode ignorar os recursos dos computadores e, em particular, dos celulares. Vimos que, hoje, a comunicação das redes digitais incorporou textos de formatos tradicionais com formas figurativas, cheias de ícones, para “melhorar” a comunicação, para “facilitar” a interpretação do leitor, adequando-se às expectativas do escritor (CAGLIARI, 2016). Apesar das aparências, é um engano pensar que a comunicação assim proposta é melhor, mais clara e mais fácil para o leitor ou mesmo para o autor. Por trás de toda comunicação, há um processo cognitivo que precede e que orienta a forma de expressão. Não é o computador que faz a mente dos usuários; pelo contrário, são os usuários de decidem e que definem o que os computadores vão fazer.

Portanto, cabe à escola fazer as escolhas certas de tudo o que o mundo digital pode oferecer, para realizar uma boa educação. O uso de ícones não destrói o modo de pensar que era criado a partir de textos só com letras. Assim, como a escrita literária não deve sumir da vida das pessoas ou ser substituída por revistas em quadrinhos ou por documentários cinematográficos. São manifestações artísticas e culturais diferentes por natureza. A escola tem, hoje, à sua disposição, um mundo novo cheio de coisas maravilhosas, por exemplo, para ensinar a ler, a estudar engenharia e tudo o mais. Essa revolução no uso da imagem, sem dúvida alguma, veio da invenção das revistas em quadrinho, que substituíram o texto escrito com letras, com o “texto” de imagens. Hoje, a imagem, mais do que nunca, é a alma da comunicação humana.

Informações Bibliográficas de apoio

CAGLIARI, Luiz Carlos. Marcadores prosódicos da escrita. In: **Estudos Lingüísticos, XVIII – Anais de Seminários do Gel**. Lorena; Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. p. 195-203. 1989.

_____. A escrita do barulho. In: **Estudos Lingüísticos XXII – Anais de Seminários do Gel**. Ribeirão Preto: Instituição Moura Lacerda. p. 615-622. 1993.

_____. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Editora Scipione. 1989

_____. **A História do Alfabeto**. São Paulo: Editora Paulistana. 2009.

_____. **Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU**. São Paulo: Editora Scipione. 2015.

_____. Sobre uma teoria da expectativa. In: **Scripta**. Belo Horizonte: PUCMG. v. 20-38. p. 382-408. 2016.

_____. **Revisitando a Ambiguidade**. Araraquara: UNESP, FCLAr, DL. 2018 (ms.).

_____. A Representação Escrita de Ruídos e de Ações em Charges e em Histórias em Quadrinhos. Natália Cristine Prado; Kelly Priscilla Lóddo Cezar (Orgs.). In: **Revista X**, v.15, n.2, p. 12-29. 2020. Edição digital. ISSN 1980-0614.

CATFORD, J. C. The Articulatory Possibilities of Man. In: **Manual of Phonetics**. Bertil Malmberg (Org.). Amsterdam. North-Holland Publishing Company. 1968. p. 309-333.

ECO, Umberto. **A Ilha do Dia Anterior**. São Paulo: Editora Record. 1995.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das Letras: a escrita na alfabetização**. Campinas: Mercado de Letras. 1999.

<https://br.pinterest.com/pin/859695016338326411/?d=t&mt=login> (André Mansur - PRINTEREST – 01-07-2020)

<http://9anoclpp.blogspot.com/2010/06/charges-engracadas.html> (André Mansur - PRINTEREST – 01-07-2020)

Texto apresentado no lançamento do livro digital Histórias em Quadrinhos: pesquisa e ensino. v. 5, n. 2. 8 de julho de 2020, 17h (horário de Brasília), via Google Meet. Universidade Federal do Paraná, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. Organizado por Natália Cristine Prado; Kelly Priscilla Lóddo Cezar e pela Revista X.